MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
26 de Setembro de 2017

I.

Angela Merkel vence legislativas na Alemanha com piores resultados de sempre. Nacionalistas crescem e conquistam o terceiro lugar.

Discurso de Theresa May sobre o futuro do Reino Unido é elogiado por Bruxelas. A primeira-ministra diz que o país quer gozar de um período de transição de dois anos depois do Brexit.

Ainda nesta edição: ONU e União Europeia juntam-se para acabar com qualquer tipo de violência contra a mulher. A iniciativa Spotlight é "verdadeiramente histórica", diz o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

"Que a história não se repita". Este foi um dos *slogans* entoados durante os protestos de ontem na Alemanha. E não só…. na capital do país gritou-se ainda: "Toda a Berlim odeia os nazis", ou "o racismo não é uma alternativa".
Centenas de pessoas saíram às ruas de várias cidades alemãs para se manifestarem contra o partido de extrema-direita "Alternativa para a Alemanha", que passou a terceira força política mais votada nas eleições legislativas do país.
Além deste resultado histórico, a noite eleitoral germânica trouxe ainda duas surpresas: a descida dos democratas-cristãos da chanceler Angela Merkel, que ficou em primeiro lugar com cerca de 33% dos votos. Foi o pior resultado dos quatro mandatos de Merkel.
Em segundo lugar ficaram os sociais-democratas. Conquistaram 20,5% dos votos. Martin Schulz do SPD anunciou que o partido recusa uma coligação e vai passar para a oposição.

Connosco, ao telefone a partir de Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

Victor, a Alemanha está claramente descontente com a agenda da CDU de Angela Merkel. Aqui também aqui nestas eleições extrema-direita ganhou terreno e vai a partir de agora ser uma força permanente na política alemã. Que leitura é que faz destas mudanças?

Na verdade, há uma parte do eleitorado alemão que está descontente. Também é verdade que Angela Merkel conseguiu baixar bastante a taxa de desemprego, conseguiu um crescimento económico muito elevado, conseguiu internacionalizar a economia alemã. Mas isso não é suficiente. Os descontentamentos dos eleitores andam à volta de três grandes problemas. Por um lado, a presença em massa de emigrantes e, sobretudo, o facto de que em 2015 Angela Merkel abriu as portas à entrada maciça de emigrantes sem consultar a opinião pública alemã e sem ter em conta também a posição dos diferentes partidos políticos.
A segunda grande questão é que a economia alemã, apesar da prosperidade, é uma economia que gerou imensas desigualdades sociais nos tempos recentes. É uma economia baseada em salários muito baixos, uma grande parte da mão-de-obra alemã vive com salários pouco acima do salário mínimo nacional. E, além disso, o emprego é extremamente precário na Alemanha, ou seja, o liberalismo económico alemão permite que as empresas licenciem pessoas de um momento para o outro e isso evidentemente faz com que haja muita precariedade social.

É a primeira vez que no pós-guerra uma força claramente de extrema-direita chega ao Bundestag. As questões da migração influenciaram esta subida do AFD para a terceira força mais votada. Em segundo ficou o SPD que recusa uma coligação e que já disse que vai fazer parte da oposição. Porquê esta queda do SPD?
O partido social-democrata nao conseguiu marcar uma posição muito diferente da posição de Angela Merkel em relação, nomeadamente, à questão da emigração e também em certa medida à questão da precariedade social. E, por isso, as pessoas preferiram votar por partidos com posições muito mais marcadas, com posições muito claras e isso é o caso do partido de extrema-direita AFD e também do partido de esquerda que é um partido que é, em certa medida, é um renascimento do partido comunista alemão. Estes dois partidos juntos, o AFD ultranacionalista e o partido da esquerda, que são os comunistas reconvertidos, representam hoje 22% do eleitorado alemão, um valor que seria impensável há três ou quatro anos atrás.

Muito provavelmente Angela Merkel não se irá juntar nem a um lado nem a outro. Os resultados parecem deixar apenas uma hipótese a Merkel: juntar-se aos Liberais ou aos Verdes, cada um com cerca de 9% dos votos. Parece ser este ser resultado mais provável?
Angela Merkel vai ter muitas dificuldades em formar uma coligação. Na realidade, a única possibilidade é aliar-se, por um lado, aos Liberais do FDP e aos Verdes, por isso, uma coligação a três. Mas é uma coligação extremamente difícil, uma coligação de alto risco e

com custos muito elevados para a chanceler Merkel e também com grandes problemas em relação à Europa.
Na realidade, os Liberais do FDP são neste momento o partido dessa coligação que é menos pró-europeu, ou seja, nós podemos prever neste momento que a agenda europeia de Merkel vai ser muito enfraquecida à medida que ela avançar com a preparação da coligação e depois quando conseguir chegar a um acordo entre ela e os outros dois partidos. Ou seja, além de Angela Merkel ter em certa medida perdido uma boa parte do seu eleitorado, a verdade é que a Europa hoje, esta semana está mais fraca porque Angela Merkel está mais fraca.

E em que termos, quais as áreas que poderão ser mais afectadas ou sair mais enfraquecidas desta coligação?
Esta coligação vai sobretudo focalizar-se nos problemas alemães e vai ter muito pouca disponibilidade para as grandes questões europeias e, nomeadamente, vai ter muito pouca disponibilidade para as questões da integração económica, da integração bancária e da integração monetária. São as áreas da economia, do Euro que vão sofrer bastante em termos de um enfraquecimento do entusiasmo alemão pela integração europeia.
Também podemos provavelmente assistir a um endurecimento da posição alemã em relação à Grã-Bretanha. Os alemães vão procurar acima de tudo que as negociações do Brexit tenham em conta os interesses da Alemanha e não os interesses da Alemanha e do resto da Europa.

III.

O Reino Unido propôs um período de transição de dois anos para deixar a União Europeia. Num discurso proferido em Florença, a primeira-ministra britânica Theresa May defendeu que durante esse período devem manter-se em vigor no Reino Unido as regras europeias. May disse ainda que está contra novas tarifas comerciais e que o Reino Unido e a União Europeia devem procurar um relacionamento criativo.

Theresa May, primeira-ministra do Reino Unido
Sejamos criativos e práticos ao concebermos uma parceria económica ambiciosa, para que não seja necessário impor tarifas, onde agora não temos nenhumas. E considero que uma pessoa sensata não estará a contemplar isso.

E a todos os nacionais de outros estados membros a residir no Reino Unido, a primeira-ministra deixou uma mensagem.

Theresa May, primeira-ministra do Reino Unido

Nós queremos que fiquem, valorizamos-vos e agradecemos a vossa contribuição para a nossa vida nacional.

Já a União Europeia disse que este foi um discurso construtivo. Mais sobre a reacção de Bruxelas com a jornalista da Antena 1 Andrea Neves.

[O negociador da União Europeia diz que este é um discurso construtivo, que mostra um objectivo, um passo em frente nas negociações, mas também diz que fica à espera de posições negociais de propostas, que mostrem, que traduzam a boa vontade das palavras.
Em relação aos cidadãos, Michel Barnier saúda o compromisso de Theresa May de que os direitos serão devidamente respeitados, mas mais uma vez refere que precisa de propostas concretas para perceber se isso vai realmente acontecer.
Em relação ao período de transição de dois anos, pedido pela primeira-ministra britânica, Barnier diz que ele pode acontecer se os 27 estados-membros concordarem e que durante esse tempo serão as leis, os instrumentos, a supervisão e também as instâncias judiciais da UE a regular a relação entre os dois países.
Há ainda outra questão, a questão monetária, a factura a pagar pela saída do Reino Unido. Bruxelas fala em valores entre os 60 mil milhões e os 100 mil milhões, Theresa May não quis falar de números, disse que o Reino Unido vai assumir os compromissos financeiros, mas o negociador da União Europeia diz que quer perceber melhor que compromissos são esses - se tão todos aqueles que foram assumidos enquanto membro ou se são só os compromissos ate 2020, altura em que termina o quadro comunitário em vigor.]

Victor, que balanço faz deste discurso de Theresa May, que disse também que o Reino Unido nunca se sentiu totalmente em casa na União Europeia?
Este discurso que foi um discurso muito bonito, muito bem feito, foi ao mesmo tempo um discurso relativamente vago. É verdade que Theresa May procurou ser conciliatória no seu discurso, disse uma série de coisas positivas em relação ao futuro da Europa, que nomeadamente a Grã-Bretanha deseja que exista uma União Europeia forte, mas também disse claramente que a Grã-Bretanha nunca se sentiu inteiramente europeia e não quer de modo algum continuar no projecto europeu. Portanto, todos aqueles que pensavam que mais tarde ou mais cedo poderia haver uma segunda votação, que revertesse a decisão dos britânicos do ano passado em relação ao Brexit, todos que pensavam que poderia haver essa votação, hoje em dia creio que perderam essa ideia.

E em relação ao período de dois anos sugerido pelo Reino Unido?
Eu penso que a leitura dessa proposta deve ser a seguinte: ela o que quer dizer com isso é que, embora a Grã-Bretanha saia da União em Março de 2019, existirão muitas áreas em relação às quais a Grã-Bretanha quer continuar estreitamente ligada à União Europeia. E por algum tempo... serão dois anos, serão mais, provavelmente serão mais. Tudo isso depende das negociações e estas negociações têm que se tornar o mais concretas possíveis em

breve, porque na realidade nós estamos numa situação em que, apesar do discurso de Theresa May, ainda não há os contornos muito claros em relação a questões fundamentais, que são as questões dos direitos dos cidadãos europeus, o compromisso financeiro do Reino Unido em relação à União Europeia para além de 2019, a questão da resolução dos conflitos comerciais –que mecanismo vai ser adoptado para resolver os futuros conflitos que possam surgir nas áreas comerciais entre o Reino Unido e a União Europeia - e também a questão da Irlanda do Norte e da fronteira entre a Irlanda do Norte e a Irlanda. Todas estas questões precisam de respostas concretas. O discurso não respondeu. Como eu disse foi um discurso que procurou criar alguma esperança num relacionamento positivo entre o Reino Unido e a Europa, mas na verdade foi um discurso que deu a entender que a Grã-Bretanha por um lado quer estar fora da União Europeia, mas por outro lado também quer estar dentro.

IV.

Acabar com qualquer tipo de violência contra as mulheres. Esta é a ideia da ONU e da União Europeia, que lançaram a iniciativa "Spotlight". Mais com a jornalista Sofia Jesus.

A Organização das Nações Unidas e a União Europeia vão juntar-se para combater a violência contra as mulheres. A iniciativa chama-se "Spotlight" e corresponde a um investimento de 500 milhões de euros.
Na cerimónia de lançamento do programa, o secretário-geral da ONU, António Guterres, referiu que "uma em cada três mulheres é vítima de violência ao longo da vida".
Guterres, que definiu a campanha como "verdadeiramente histórica", realçou que este "fundo é um investimento pioneiro na igualdade de género e na capacitação das mulheres".
Já a Alta Representante da União Europeia para a Política Externa e Segurança, Federica Mogherini, sublinhou que Bruxelas "está comprometida em combater todas as formas de violência contra as mulheres, uma vez que [essa violência] ataca direitos e valores fundamentais como a dignidade, o acesso à justiça e a igualdade de género".
As principais áreas de intervenção do programa "Spotlight" incluem: o reforço da legislação e de políticas, bem como de medidas preventivas. Destaque ainda para a melhoria do acesso aos serviços e recolha de dados relativos à situação da mulher em diversas zonas do globo.

Que significado tem esta nova iniciativa conjunta, que António Guterres descreve como "verdadeiramente histórica"?

António Guterres enquanto secretário-geral das Nações Unidas tem dado uma atenção especial às questões do género e, em particular, à protecção das mulheres e raparigas. Essa foi desde o primeiro dia da sua investidura no cargo de secretário-geral a grande preocupação, a grande bandeira que ele adoptou. É uma bandeira que nos faz lembrar que existe ainda ao nível universal um grande problema de igualdade de direitos entre os homens e as mulheres, mas não só - existem imensas situações de violência contra as mulheres e as reparigas, nomeadamente, por exemplo, práticas tradicionais como a mutilação genital; práticas discriminatórias como aquilo que acontece na Arábia Saudita e noutros países do género; situações de escravatura sexual; muitos problemas de violência doméstica, não só nos países fora da Europa, mas também nos países europeus; e também evidentemente em situações de conflito a violência sexual como uma arma de guerra.
A grande questão, penso eu, é fazer com que este fundo e esta iniciativa não apareça apenas como uma iniciativa que teve António Guterres na base e que tem apenas os europeus como apoiantes. É preciso rapidamente, quer a União Europeia, quer o secretário-geral das Nações Unidas consigam, por exemplo, que a União Africana ou um conjunto de países asiáticos, ou um conjunto de países da América do Sul declare publicamente que a apoia e faça mesmo contribuições financeiras, mesmo que sejam simbólicas, no sentido de mostrar que não se trata apenas de mais uma iniciativa vinda do lado europeu, de mais uma iniciativa vinda dos países ocidentais, mas sim de uma iniciativa que tem um carácter global.

Como diria que está a situação da mulher no continente europeu?
A situação da mulher no continente europeu evoluiu de modo positivo e, nalguns países, hoje em dia, a posição da mulher está muito mais forte do que estava antigamente e isso é sobretudo verdade, por exemplo nos países nórdicos, nos países bálticos. Penso que nessas regiões da Europa se avançou bastante em termos de igualdade e em termos também de luta contra as violências praticadas em relação às mulheres. Mas há ainda grandes problemas no resto da Europa, nomeadamente em Portugal, por exemplo, de violência contra as mulheres e há também problemas importantes no sentido da participação das mulheres na vida política, de participação das mulheres na economia, na direcção das empresas. E tudo isso são questões relacionadas...se nós tivermos mais mulheres como dirigentes políticos, se tivermos mais mulheres como chefes de empresa, essas mulheres desempenharão um papel muito importante no sentido da sensibilização da sociedade para o facto de que a violência doméstica é uma prática absolutamente inaceitável, para também mostrar que a violência sexual também também não é aceitável e, nomeadamente hoje em dia sobretudo em alguns países, como por exemplo em Portugal, a violência

contra as raparigas durante o namoro é uma prática que se está generalizar, mas que não pode de modo algum ser aceite.

V.

Ao telefone Victor Ângelo, comentador do Magazine Europa, baseado em Bruxelas.
E antes de terminar, uma nota cultural. O Festival Internacional de cinema de San Sebastian começou há poucos dias e decorre até 30 deste mês. Nesta 65.ª edição, estão em competição três filmes portugueses. "Spell Reel", de Filipa César e as curtas "Flores" de Jorge Jácome, e "De madrugada" da realizadora Inês de Lima Torres.
Esta sexta-feira, Javier Bardem e Penélope Cruz vão estar na sessão de "Loving Pablo". O filme, que não está em competição, conta a história do romance entre o barão da droga colombiano Pablo Escobar e a apresentadora de televisão Virginia Vallejo. Já a película "Handia".. em competição … reconstitui a vida de um dos homens mais altos do mundo: é o basco Miguel Joaquín Eleizeki, que viveu entre 1818 a 1861 e que era tratado como uma espécie de atracção de circo pelo irmão.

Nós regressamos para a semana. Até lá.

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + (mais).

Estamos no Facebook em Magazine Europa.